

UMA SAÍDA PARA O CAOS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 06/09/91

Desde o fracasso do Plano Cruzado o Brasil é um país ameaçado pelo caos e a hiperinflação. Na origem dessa ameaça não está apenas a crise fiscal do Estado, mas também a inexistência de um grande pacto político que una a sociedade civil brasileira e garanta legitimidade a seu governo.

Entre meados de 1970 e meados dos anos 80 teve vigência no Brasil seu último pacto político - o Pacto Democrático de 1977, que promoveu a transição do regime autoritário para o democrático. Se quisermos datas mais precisas, esse pacto se instalou em 1977, após o "Pacote de Abril", e desfez-se 11 anos depois, no início de 1987, com o fracasso do Plano Cruzado. Foi bem sucedido no seu objetivo maior, que era restabelecer a democracia no país. Mas falhou na segunda tarefa a que se propunha - a de estabilizar a economia, retomar o desenvolvimento e distribuir melhor a renda. Falhou, sem dúvida, porque a crise deixada pelo regime autoritário era muito grande, mas falhou principalmente porque esse pacto democrático era também um pacto populista. A Nova República chegou ao poder com esperanças e aspirações excessivas. Com um "não à recessão", com a recusa em admitir que o salário pudesse provocar inflação, que o déficit público fosse um problema grave, que o Estado crescera demais e vivia agora sua crise fiscal, que essa crise financeira do Estado transformava a alta inflação inercial em uma inflação em permanente aceleração rumo à hiperinflação, que a estratégia de substituição de importação há muito se esgotara impondo-se a liberalização das importações.

Esse fracasso no plano econômico levou ao desmoronamento do Pacto Democrático de 1977. Desde então vivemos um vazio político. A grande coalizão de classes que caracterizou aquele pacto informal, reunindo empresários, trabalhadores organizados, intelectuais, há quatro anos não existe, e nada a substituiu.

O Presidente Collor foi eleito nesse vazio. Sua eleição não foi produto de nenhum grande acordo de classes, foi a simples consequência de sua capacidade de chegar diretamente ao povo com um discurso moralmente indignado. Uma vez no governo, o presidente decidiu alcançar esse apoio através de um ataque frontal e

dramático à inflação. Quando esse ataque falhou, um segundo congelamento de emergência, em janeiro deste ano, adiou a crise. Mas a agravou, na medida em que a previsível volta da inflação minou ainda mais as já debilitadas forças do governo.

Hoje vivemos em plena crise. Crise econômica, com a inflação novamente apontando para a hiperinflação, e com a economia estagnada. O PIB caiu 4 por cento em 1990, as previsões para 1991 e 1992 são de crescimento zero. Crise política, na medida em que o governo não tem forças para desfechar um novo ataque contra a inflação, como as reações ao Emendão estão dramaticamente demonstrando. O conjunto de propostas de emenda à constituição apresentado pelo Governo à Nação, primeiro através do Projeto e agora através do Emendão, dotaria o governo de instrumentos permanentes, e principalmente de emergência, para fazer frente à crise fiscal e à inflação. Tudo indica, porém, que suas propostas não serão aceitas pelo Congresso, como não parece terem sido aceitas pela sociedade.

Por que não seriam aceitas? Porque são duras demais? Pior é a estagnação e o regime hiperinflacionário que vivemos. Porque foram apresentadas de forma inábil, como uma troca com os governadores? Ainda que tenha havido alguma inabilidade, a reação foi desproporcional. Porque os diversos setores da sociedade, os empresários, os trabalhadores, as classes médias ainda não se deram plena conta da gravidade da crise, porque acham que os custos do ajuste fiscal pode ainda ser evitados, adiados, ou pagos por terceiros? Sem essa é parte fundamental da explicação.

A explicação fundamental, entretanto, está no vazio político, no fato de que um Pacto Democrático Moderno não substituiu ainda o Pacto Democrático de 1977. Por isso a crise se aprofunda. Por isso estamos ameaçados não apenas por outro episódio hiperinflacionário, mas por uma crise institucional. Por isso generaliza-se a queixa de que falta hoje ao Brasil um projeto nacional.

Escrevo, entretanto, este artigo não apenas para assinalar esta falta, mas para dizer há sinais de que um pacto destes está se formando. A aproximação entre empresários e trabalhadores ocorre em vários níveis. A FIESP, o PNBE, do lado dos empresários, o sindicalismo de resultados a própria CUT, do lado dos trabalhadores, o PT e o PDT em nome de trabalhadores e intelectuais, o PSDB e setores do PMDB em nome de intelectuais e das classes médias burocráticas, tentaram, de diversas maneiras, realizarem aproximações. E o populismo, que o PSDB criticou desde que foi criado, começa a ser posto em dúvida pelos outros setores representativos da sociedade que acabo de citar. Os recentes encontros entre as lideranças do PT e os empresários são muito significativos nesse sentido.

Resultará daí um Pacto Democrático Moderno? Uma nova grande coalização de classes que reconheça a gravidade da crise, a necessidade de o governo dispor de medidas de emergência para enfrentá-la, a necessidade de a sociedade aceitar sacrifícios que hoje já são menores do que a manutenção do status quo? Não sei. Isto

depende da conscientização não apenas da sociedade mas do próprio Presidente. Este já percebeu que a crise econômica é grave, mas não ainda como enfrentá-la nem econômica nem politicamente. Seu papel político fundamental, neste momento, seria o de propiciar o surgimento de um Pacto.

Democrático Moderno, e partilhar com seus representantes o poder, sem prejuízo de sua liderança constitucional. As sementes desse pacto já existem. Sem dúvida é informalmente, na própria sociedade, que ele deverá se formar. Mas afinal ele terá que tomar uma forma política específica, e para isso o papel do Presidente será chave. Embora muitas das medidas previstas no Emendação sejam necessárias ou pelo menos muito aconselháveis, a alternativa ao caos não é a sua aprovação, mas a constituição de um Pacto Democrático Moderno.